

MULHERES, ARTE E EDITORAÇÃO: PERSPECTIVAS FEMINISTAS NA CONCEPÇÃO E CRIAÇÃO DE CAPAS PARA LIVROS¹

*Eixo Temático 01 - A arte e suas manifestações: navegando entre as
diferenças, corpo(s), gênero(s) e sexualidades(s)*

Jéssica Fiorini Romero²
Patrícia Lessa dos Santos³

RESUMO

Vivências de uma formação feminista no motivaram-nos a refletir sobre a sensibilidade da prática artística na produção de livros. Quais diálogos artísticos são possíveis através do campo editorial por meio de uma perspectiva feminista? Objetivamos sensibilizar o processo de produção artística editorial com a escolha de mulheres protagonistas e atuantes nos campos artísticos e culturais. Para tanto, elaboramos uma pesquisa de cunho bibliográfico subsidiada pelos aportes teóricos e metodológicos dos Estudos Feministas. Investigamos o fazer artístico de mulheres e, depois, o fazer artístico na criação de capas e ilustrações editoriais. Consideramos que pensar em perspectivas feministas no campo editorial e artístico é perceber subjetividades de mulheres múltiplas.

Palavras-chave: Feminismo; Mulheres; Artistas; Arte; Editoração.

INTRODUÇÃO

Desde o século 19, Whitney Chadwick (1990) aponta que a História da Arte esteve alinhada à valorização estética proposta pela arte ocidental. Temos, a partir desse período, conforme a autora, um discurso normatizado que fixa o posicionamento da arte produzida por mulheres como inferior àquela feita por homens. Essa concepção advinda

¹ Realizado por meio do Projeto de Extensão Universitário intitulado *Produção Editorial Feminista: teorias, técnicas e métodos na produção de livros escritos por mulheres*, pela Universidade Estadual de Maringá.

² Graduada do Curso de Artes Visuais da Universidade Estadual de Maringá (UEM) - PR. Mestranda do Curso de Letras da UEM, jessica.fiorinirromero@gmail.com;

³ Professora orientadora: Doutora em História pela Universidade de Brasília. Pós-doutora em Letras, Universidade Federal Fluminense - UFF, plsantos@uem.br.

da cultura ocidental, branca e hegemônica, influencia os conhecimentos acerca da contribuição das mulheres nas linguagens e manifestações artísticas.

Chadwick (1990) discute que, no campo da arte, a noção de “gênio artístico” não foi (e não é) reconhecido como papel da mulher, coube essa função, ao longo da história, somente aos homens e isso “explica” a subordinação do trabalho de mulheres como inferior à deles. Linda Nochlin (1974) explicita que por maior que fosse o talento ou inovações artísticas demonstradas, “[...] se o rebento talentoso em questão fosse mulher, eram mínimas as chances de vir a ser o que se considera ‘gênio’.” (NOCHLIN, 1974, p.73). Essa invisibilidade no campo artístico (e não somente nele) sobre a atuação e protagonismo de mulheres, alcançou as discussões e demandas para com o movimento feminista e, acerca disso, Nochlin (1974, p.74) entende que,

[...] se perguntarmos por quê são tão poucas as mulheres que seguiram carreiras de sucesso ou são o que chamamos de “gênio” nas belas artes, o feminismo nos obriga a tomar consciência de outras questões sobre nossos pressupostos ditos naturais.

Essas “poucas” mulheres apontadas por Nochlin (1974), são as poucas que hoje reconhecemos e resgatamos da história, o que não significa que a produção delas foi pouca. Chadwick (1990, p.155) explica que,

Como o valor monetário das obras de arte está inextricavelmente ligado à sua atribuição a artistas “renomados”, o trabalho de muitas mulheres foi absorvido pelo trabalho de seus colegas masculinos mais conhecidos. Embora isso não se restrinja ao trabalho das mulheres, as atribuições equivocadas contribuíram para a percepção de que elas produzem menos.

Para além das condições apontadas pela autora acerca do renome e o reconhecimento de autoria dos “gênios” artísticos do período, Chadwick (1990) ressalta que o desenvolvimento de suas produções artísticas esteve atravessado por responsabilidades de âmbito familiar e doméstico. Em outras palavras, o trabalho artístico de muitas mulheres esteve limitado pela sobrecarga dos serviços que envolvem os cuidados de filhos e filhas, além das responsabilidades domésticas que, reforçamos, em uma sociedade de estrutura patriarcal, a responsabilidade era exclusivamente delas.

Acerca dessa sobrecarga, bell hooks (1995), em uma conversa sobre mulheres e processo artístico, afirma que o tempo é limitado, restrito e pequeno para mulheres artistas. Este poderia ser dedicado aos processos artísticos e criativos de mulheres

artistas e escritoras, mas, no entanto, é dividido, estilhaçado e repartido. O estresse, a sobrecarga e o cansaço limitam o espírito criativo, o pensamento e os sonhos de cada mulher. Quietude, como aponta hooks (1995), é um conceito que mulheres - independente da raça, classe, nacionalidade ou etnia - lutam para o cultivo de suas práticas artísticas. “Ainda temos de criar uma cultura tão completamente transformada pela prática feminista que seria senso comum que o cultivo do brilhantismo ou a criação de um corpo sustentável de trabalho exigem tais horas sem perturbação.” (HOOKS, 1995, p.237).

Essa diferença entre os processos artísticos que envolvem significativamente as atribuições de gênero é apontada por Chadwick (1990), inclusive, na própria construção da palavra “artista”. “A palavra ‘artista’ se refere a ‘homem’ a menos que caracterizada pela categoria ‘mulher’.” (CHADWICK, 1990, p.159). Ainda nessa discussão, a autora entende que, “A história da arte nunca separou a questão do estilo artístico da inscrição da diferença sexual na representação. Discussões sobre o estilo se dão consistentemente em termos de masculinidade e feminilidade.” (CHADWICK, 1990, p.158).

Os pontos levantados nessa escrita reiteram a polarização que naturaliza as diferenças sexuais no campo artístico, em especial as que se referem à posição das mulheres nas artes. Chadwick (1990) explica que até mesmo o conteúdo de seus trabalhos eram alvos dessa diferenciação, sendo limitados “a meios e temas que agora eram considerados apropriados e ‘naturais’ às mulheres.” (CHADWICK, 1990, p.168). A arte produzida por mulheres, para que acompanhasse as exigências de uma sociedade alicerçada nos padrões patriarcais e sexistas, abraçou pinturas de carácter delicado, leve e sensível; pinturas pequenas, retratos e miniaturas. Já, aos homens, coube aquilo que se refere a chamada “grande arte”. Esses pontos constroem uma noção de mulher ao longo da história da arte ocidental como um ser exótico, como que para diminuir seu próprio sucesso. Sem levar em conta outros aspectos que, inseridos nesse âmbito histórico cultural hegemônico, submetem a mulher a posições hierárquicas ainda menores quando nos voltamos para características que marcam raças, etnias, classes, orientações sexuais e de gêneros para além das hegemônicas.

A partir das discussões levantadas neste resumo, essa pesquisa tem como recorte o estudo das mulheres na arte, especificamente, no campo da arte e editoração feminista. Propomos, como ponto de partida, a seguinte problemática: quais diálogos artísticos são possíveis através do campo editorial por meio de uma perspectiva feminista? Essa

problemática justifica-se pelo convívio em meio às discussões levantadas pelo projeto de extensão intitulado *Produção Editorial Feminista: teorias, técnicas e métodos na produção de livros escritos por mulheres*, coordenado pela Professora Doutora Patrícia Lessa, que, englobou a formação de mulheres no campo editorial e artístico, através de projetos, escritas acadêmicas, feiras de livros, formação de diagramação e montagem de capas, estudos feministas, revisão, avaliação de originais e outras atividades. Objetivamos, portanto, neste resumo, sensibilizar o processo de produção artística editorial com a escolha de mulheres protagonistas e atuantes nos campos artísticos e culturais. Para isso, optamos por uma análise bibliográfica subsidiada pelos aportes teóricos e metodológicos dos Estudos Feministas.

Quando nos voltamos para os Estudos Feministas, Margareth Rago (1998) discute a necessidade de uma epistemologia feminista nos estudos da ciência já que o movimento feminista propõe uma crítica à linguagem dominante de produção cultural, científica, acadêmica, artística, literária, etc. A crítica feminista à ciência é a denúncia de seu “caráter particularista, ideológico, racista e sexista: o saber ocidental opera no interior da lógica da identidade, valendo-se de categorias reflexivas, incapazes de pensar a diferença” (RAGO, 1998, p.4). É ressaltado por Rago (1998, p.10) que a epistemologia feminista propõe “[...] uma forma específica de produção do conhecimento que traz a marca especificamente feminina, tendencialmente libertária, emancipadora.”. Quando nos voltamos para o estudo das mulheres, reforçamos uma identidade de sujeito mulher construída culturalmente por relações sociais, culturais e de gênero (RAGO, 1998). O olhar feminista da história rompe com a legitimação do discurso masculino interiorizado por nossa sociedade incluindo, até mesmo, a formação ideológica de muitas mulheres.

Ainda sobre a epistemologia feminista, Rago (1998) a apresenta como uma nova relação entre teoria e prática. Neste estudo, a subjetividade é tratada como forma de conhecimento. “Ao contrário do desligamento do cientista em relação ao seu objeto de conhecimento, o que permitia produzir um conhecimento neutro, livre de interferências subjetivas, clama-se pelo envolvimento do sujeito com seu objeto”. (RAGO, 1998, p.11).

O próprio movimento feminista nos auxilia a trilhar formas de perceber o mundo contra os preceitos machistas, sexistas e patriarcais carregados por nós desde a infância, hooks (2019) aponta que,

O feminismo é a luta para acabar com a opressão sexista. Seu objetivo não é beneficiar apenas um grupo específico de mulheres, uma raça ou classe social de mulheres em particular. E não se trata de privilegiar a mulher em detrimento do homem. Ele pode transformar nossas vidas de um modo significativo. (HOOKS, 2019, p.59).

Sendo assim, no projeto de extensão, pudemos aplicar de forma teórica e prática o fazer artístico e editorial feminista, possibilitando à todas as integrantes do projeto uma participação ativa e crítica na nossa sociedade, para além dos estudos que ficam reservados apenas às universidades.

METODOLOGIA

O Projeto de Extensão universitária *Produção Editorial Feminista*, coordenado pela Profa. Dra. Patrícia Lessa, iniciado em 2021 de forma remota, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), foi o ponto de partida para o início desta pesquisa. O projeto uniu pesquisadoras mulheres de diversas localidades do Brasil para que aprendessem sobre o ramo editorial. Essa formação fora aplicada de modo teórico-prático em conjunto com a Editora Luas. Das integrantes desse projeto, cada uma teve sua responsabilidade correspondente a sua área de atuação. Uma das minhas⁴ responsabilidades, dentre outras, é a de criação de artes para divulgação e editoração.

Esta pesquisa se desenvolveu a partir das problemáticas que permeiam o fazer artístico de mulheres, em especial, com recorte no campo da editoração. Propomos uma pesquisa de cunho bibliográfico subsidiada pelos referenciais teóricos e metodológicos dos Estudos Feministas. A partir desse aporte bibliográfico, apresentamos o processo de criação artística dos trabalhos elaborados durante nosso convívio no Projeto de Extensão e como os estudos de formação feminista possibilitaram um desenvolvimento crítico e sensível dos trabalhos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultados dessa pesquisa, apresentamos nossas produções ao longo do Projeto. Aqui, especificamente, voltamo-nos para as produções artísticas que englobam

⁴ Neste caso, o uso de pronomes na primeira pessoa do singular se refere às vivências particulares da primeira autora.

minha atuação. Desde o início dessa formação houve a preocupação com a sensibilidade artística, que se volta para uma concepção de ser protagonista e atuante nos trabalhos, olhar crítico e atento. Para além de uma formação estética e técnica, a formação feminista reforça o contato do sujeito e do objeto, ou seja, subjetividade na pesquisa.

Minha atuação no projeto foi significativa no ramo das artes, e neste recorte, menciono dois dos meus trabalhos de criação e elaboração de capas e ilustrações. A capa de um livro, em termos técnicos, trata-se, como afirma Mitsue Morissawa (2015, p.28), do “[...] revestimento que identifica o livro, apresentando os caracteres impressos das informações distintivas essenciais (no mínimo, o nome do autor e da obra)”. Unido a elaboração da capa, que engloba toda a organização de seus elementos constituintes, temos a ilustração, que quando presente, abraça essa organização e disposição.

Um de meus trabalhos foi a criação da capa e ilustração da capa da *Coletânea Poesia e Prosa* (2020) organizada por Cecília Castro. Essa coletânea abriga escritoras de várias regiões do Brasil. No trabalho de elaboração da ilustração, focamos em uma visualidade que correspondesse às vivências múltiplas. Aqui foi importante darmos destaque ao espaço de trabalho, e não a figura de uma mulher. Pois, uma figura de uma mulher não diz respeito às diversas mulheres que têm voz nesse livro. O movimento feminista não beneficia apenas um grupo específico de mulheres. A representação de um ambiente de trabalho carrega uma visão sensível ao processo de criação artístico tão custoso na vida de uma mulher que é permeada pela sobrecarga de funções domésticas e familiares.

Outro trabalho que participei na elaboração da capa e arte é do livro *Memorial do Memorícídio: Escritoras esquecidas pela História, Vol. I* (2022). O livro é organizado por Constância Lima Duarte e tem como intuito dar visibilidade às antigas escritoras. Nesse processo de criação, é interessante observarmos que aqui temos a figura/retrato de cada uma das escritoras, já que se fez necessário dar visibilidade a elas. Além disto, temos um contraste da cor lilás, roxo em tons mais claros e pastéis, que dão uma característica de leveza e vivacidade ao livro e, por outro lado, tons “envelhecidos”, presentes nas fotos, que aludem a essa ideia de escritoras antigas. Esse contraste carrega a concepção de um memorial que hoje está vivo e é preenchido cada vez mais por essas personagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte possibilita uma abertura a diversas concepções que temos acerca do mundo. Pensar em uma arte feminista engloba um novo olhar para o sujeito mulher, enquanto atuante e protagonista da história. Nossa inserção no Projeto *Produção Editorial Feminista* possibilitou que mulheres de vários campos de atuação e diversas localidades do Brasil se unissem para propostas em comum: ter uma formação crítica feminista; aprender sobre técnicas, conceitos e práticas editoriais; e conhecer as vivências de uma Editora Feminista mineira, que mesmo nova e pequena, nos acolheu em seu cotidiano de trabalho. Consideramos, com esse trabalho, que pensar em perspectivas feministas possíveis no campo editorial e artístico, é considerar a subjetividade no processo de criação e desenvolvimento de trabalho. É olhar de modo sensível para a atuação e protagonismo de mulheres múltiplas que têm suas vivências, seus afazeres e suas subjetividades. Além do mais, trabalhar em união com mulheres que têm objetivos em comum: que é a construção de uma sociedade não pautada em valores hegemônicos, sexistas e patriarcais.

REFERÊNCIAS

CHADWICK, Whitney. História da arte e a artista mulher (1990). In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (orgs.). **História das mulheres, histórias feministas**: Vol. 2 antologia. São Paulo: MASP, 2019. p.151-170.

HOOKS, bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HOOKS, bell. Artistas mulheres: o processo criativo (1995). In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (orgs.). **História das mulheres, histórias feministas**: Vol. 2 antologia. São Paulo: MASP, 2019. p.236-243.

MORISSAWA, Mitsue. Os aspectos formais do livro. In: QUEIROZ, Sônia (org.). **Editoração**: Arte e técnica. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2015. 3ª ed. p. 27-46.

NOCHLIN, Linda. Como o feminismo nas artes pode implementar a mudança cultural (1974). In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (orgs.).



História das mulheres, histórias feministas: Vol. 2 antologia. São Paulo: MASP, 2019.

p.72-81.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (orgs.). **Masculino, Feminino, Plural:** Gênero na Interdisciplinaridade. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.